

ACM promete acelerar as reformas

Cacique do PFL assume presidência do Senado mostrando que está afinado com o projeto do Governo

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) foi eleito ontem à tarde presidente do Senado. Ele obteve 52 votos, enquanto o candidato do PMDB, senador Iris Rezende (GO), recebeu o apoio de 28 colegas. Houve uma abstenção. Logo depois da eleição ACM prometeu apressar a votação das reformas constitucionais e recebeu telefonema de cumprimentos do presidente Fernando Henrique Cardoso. No fim da tarde FHC recebeu o senador baiano no Palácio do Planalto.

ACM começou o mandato, de dois anos, defendendo a independência do Poder Legislativo, mas advertindo que o fato não deve ser confundido com a desarmonia dos Poderes. Demonstrando sintonia com o desejo do Governo, de que o Congresso cuide agora de votar as reformas, o senador pefelista afirmou: "As reformas estão aí para votarmos em tempo hábil, sem pressão, é verdade, mas com a rapidez que o povo espera dos congressistas".

A votação secreta e a apuração dos votos no Senado foram feitas em 40 minutos. Os senadores foram chamados a votar seguindo a ordem alfabética dos Estados que representam. ACM votou sem nenhuma manifestação das galerias. Iris Rezende foi aplaudido. Os integrantes das torcidas da Bahia e de Goiás lotaram a tribuna de honra e os arredores do plenário.

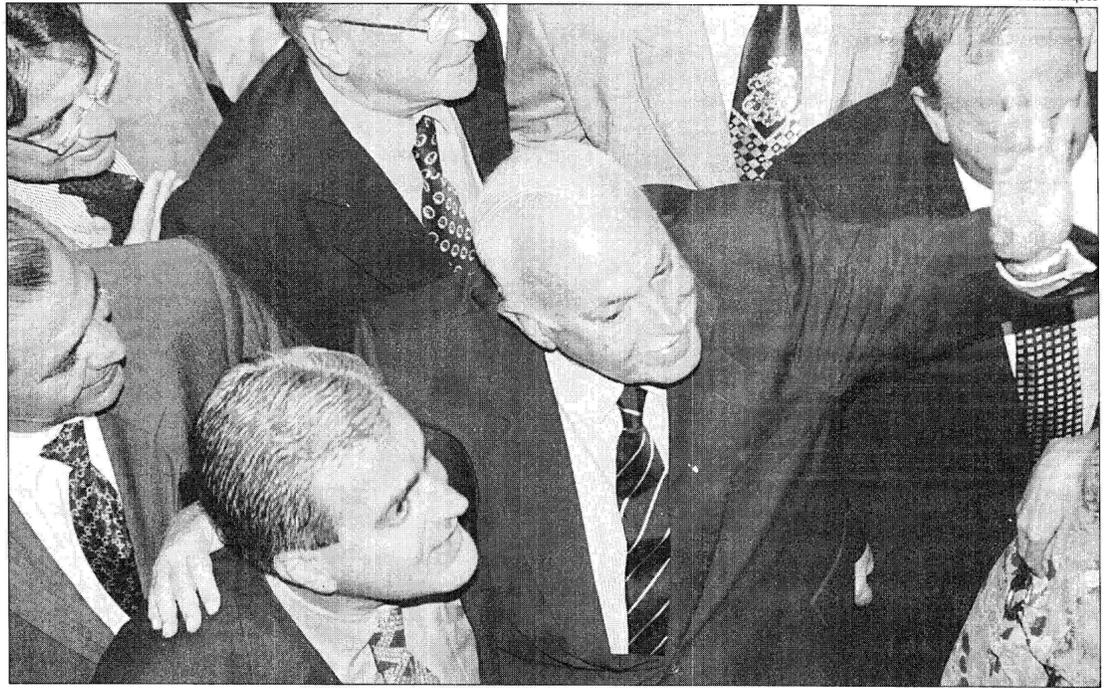
Vitória - Os integrantes da Mesa diretora levaram a urna até o senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), para que ele pudesse votar sem se deslocar da cadeira de rodas. Antônio Carlos Magalhães

teve a seu lado, na tribuna de honra, durante a sessão, o oftalmologista Vespasiano dos Santos, um amigo de longa data que, para ajudar na torcida, distribuiu fitinhas do Senhor do Bonfim. Apesar de não haver dúvidas sobre o resultado, a votação foi tensa. O primeiro voto apurado foi para ACM, mas foi o nome de Iris Rezende que apareceu com mais constância no início da contagem, dando a impressão de que o placar seria outro. O 41º voto para o senador baiano, que confirmou sua vitória, foi lido pelo terceiro-secretário às 16h04.

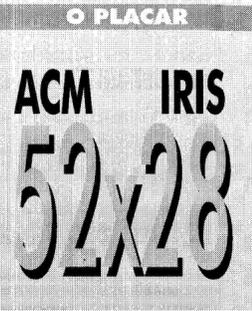
O senador Ernandes Amorim (sem partido-RO), que acompanhava a sessão da Mesa, se deslocou para cumprimentá-lo, seguido pelo líder do PFL, Hugo Napoleão (PI), e pelo senador Iris Rezende, que foi aplaudido pelo gesto. O líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), os deputados baianos, o presidente da Câmara,

Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), e o prefeito de Salvador, Antonio Imbassahy (PFL), fizeram fila no plenário para cumprimentar ACM.

O início da sessão foi uma homenagem aos últimos minutos do senador José Sarney na presidência do Senado. Os senadores elogiaram seu desempenho no cargo, principalmente na área de comunicação. O líder do governo, Elcio Alvares (PFL-ES), preocupou-se em manter intacta a base de apoio ao presidente Fernando Henrique. Ele reafirmou que o governo não interferiu no processo de votação para a presidência do Senado.



Abraçado ao filho Luiz Eduardo, Antônio Carlos comemora a vitória folgada que lhe deu a presidência do Senado pelos próximos dois anos



Na entrevista, senador faz alerta ao Executivo

O binômio "independência com cooperação", marcará a gestão do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), na presidência do Senado. "O Executivo não fará o que quiser aqui dentro", anunciou o novo presidente do Senado e do Congresso Nacional, em sua primeira entrevista coletiva, após assumir o cargo, dando o tom de como será o relacionamento entre os dois poderes. Mas assegurou que seu estilo "será diferente" daquele que foi adotado pelo ex-presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), conhecido por atrapalhar os planos do governo. "Sarney tem outro

estilo, mas espero produzir tanto quanto ele", disse ACM. O senador foi agradecer sua vitória ao governador do Ceará, Tasso Jereissati, e depois foi ao Palácio do Planalto. Ainda na entrevista, ACM revelou que a emenda da reeleição terá prioridade na pauta do Senado. "Ninguém agüenta mais falar em reeleição. Vamos votar isso logo", disse. Sobre o projeto de lei que regulamenta as medidas provisórias, engavetado na pauta do Senado, Antônio Carlos defendeu, além da urgência na votação, "um prazo maior de duração para as medidas provisórias, e o

fim das reedições consecutivas. É um absurdo reeditar 30 vezes uma mesma medida provisória", criticou ACM.

Como novo presidente, espera a volta do bom clima de convivência, além de ajuda para aprovar as reformas. Antônio Carlos disse que se o PMDB ameaçar com represálias, "será pior para a nação, e não para mim". Para ele, o importante é manter o "princípio da continuidade". "Mas se não for possível a convivência, vou tomar medidas para assegurar o cumprimento do meu mandato", assegurou o senador. O primeiro telefonema recebido

após sua eleição foi do presidente Fernando Henrique, logo após a proclamação do resultado, ainda no plenário do Senado. "O presidente me felicitou de maneira isenta", informou o senador. Antônio Carlos confirmou que teve os votos que esperava para sua eleição, e que contava com votos no PMDB e nos partidos de oposição. Negou ter dado o único voto em branco que apareceu no resultado, e atribuiu a sua vitória à uma questão de lógica. "Uma casa fica com o PMDB, e a outra com o PFL. Quando não há nenhum acidente de percurso é isso que acontece", comentou.

O primeiro telefonema recebido

Senado deve ter poder redobrado

ÉRICA FERRAZ

A personalidade forte e o gênio explosivo do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), eleito ontem como novo presidente do Senado, não assusta seus colegas senadores. A grande maioria acredita que ACM será um presidente forte, capaz de bater de frente com o presidente da República para defender os interesses do Senado e ao mesmo tempo de apressar as reformas constitucionais tão esperadas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. As expectativas são que o senador Antônio Carlos seja um dos mais rigorosos presidentes que a Casa já presenciou tanto com os parlamentares como com os funcionários. Muitos senadores acreditam que ACM será capaz de fazer com que a Casa fique mais em evidência que a Câmara dos Deputados.

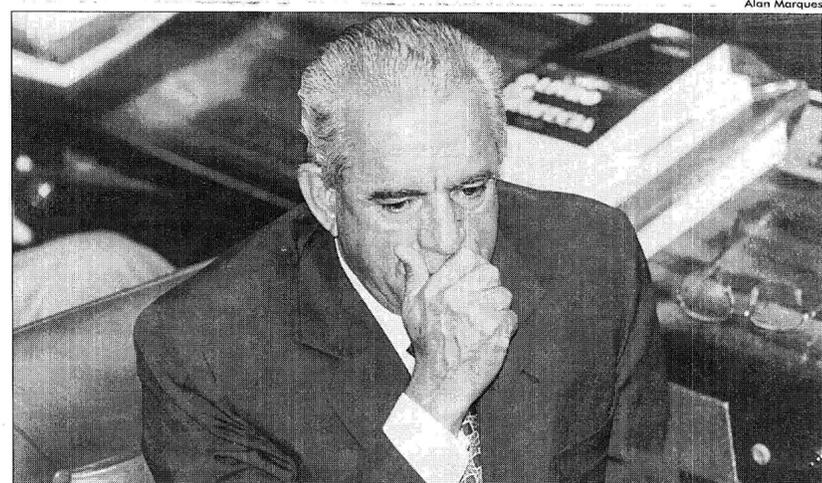
"ACM vai mostrar que é ser um presidente forte. Ele fará com que o Senado seja respeitado", declarou o senador Epitácio Cafeteira (PPB-MA). Segundo ele, o senador, por ter uma presença forte e idéias firmes, poderá colocar o Senado no centro dos grandes debates. Sobre o temperamento de Antônio Carlos, Cafeteira é enfático: "Ele é explosivo. Sincero. Mas uma coisa é certa. Ele só explode quando insistem com alguma coisa que ele não concorda".

Desavenças - O novo presidente do Senado já criou alguns constrangimen-

tos na Casa. ACM foi julgado pela comissão de ética por ter agredido o senador Ney Suassuna (PMDB-PB). Além disso, Antônio Carlos, disse no plenário da Casa que a assessora da senadora Marina Silva (PT-AC) deveria assumir seu posto por ter melhor qualificação. O senador já trocou ofensas com os senadores Pedro Simon (PMDB-RS) e Roberto Requião (PMDB-RS) e chegou a pedir que o senador Humberto Lucena (PMDB-PB) ficasse quieto, durante uma reunião da comissão de Relações Exteriores, que foi presidente.

"O Temperamento de uma pessoa pode ser controlado. A posição que ACM assumiu obriga colocar a postura comedida acima do temperamento. Não acredito que haverão maiores problemas", defende a senadora Emília Fernandes (PTB-RS). Para a senadora Marina Silva, vítima de um dos desatemperos do senador Antônio Carlos, ACM será um aliado fiel do Governo, mas capaz de marcar a posição da Casa. "O Senado sempre se pautou pela ponderação. A instituição não se subordinará ao temperamento de um ou de outro", disse.

Os senadores afirmam que ACM saberá dosar suas emoções. "Ele irá fazer o esforço que o cargo merece. Uma coisa é brincar perto da Igreja. Outra coisa é entrar na Igreja", disse o senador Ney Suassuna, comparando as atitudes de Antônio Carlos como senador e como presidente da Casa.



Iris recebeu cumprimentos de FHC pelo nível da disputa e solidariedade dos líderes aliados

Governo trabalha para evitar racha

O Governo já começou um trabalho para evitar que a derrota do senador Iris Rezende (PMDB-GO) na disputa pela presidência do Senado se transforme em um problema para a base aliada. Os líderes de todos os partidos de sustentação do Governo demonstraram solidariedade ao vencido. O presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou para Iris e lhe cumprimentou pelo nível da disputa.

Para o líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado (CE), a recomposição da ala do senador derrotado com o Governo deverá seguir um caminho natural. "O PMDB pertence à base governista e a eleição para a presidência do Senado foi feita sem nenhuma interferência do Governo, conforme combinado", argumentou. "O senador Iris Rezende sabe que o PSDB jogou muito aberto e anunciou com a antecedência

de um dia a decisão de votar em Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA)", disse.

O senador derrotado decidiu que só voltará a fazer contato com os colegas após o carnaval. "Estamos nos recolhendo para curar as feridas com água e sal, como é o costume dos goianos", disse o senador Mauro Miranda (PMDB-GO), o principal auxiliar de Iris na disputa.

Iris já sabia que ia perder

O senador Iris Rezende (PMDB-GO) já sabia, com 24h de antecedência, que perderia a disputa pela presidência do Senado. Logo depois da votação de ontem, ele reconheceu que o momento decisivo da eleição aconteceu segunda-feira, quando a bancada do PSDB fechou em torno da candidatura do senador Antônio Carlos Magalhães. "Até segunda-feira eu esperava vencer. A decisão do PSDB teve um efeito desmobilizador", disse Iris, ao deixar o Senado depois de selada a vitória de seu adversário, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Iris teve apenas 28 votos, número inferior a soma dos senadores dos partidos que apoiavam sua candidatura (PMDB, PT, PDT, PSB e PPS), que juntos têm 33 senadores. Apesar disso, o senador evitou a palavra "traição". Para ele "em uma eleição secreta é inútil tentar adivinhar como foi o voto de cada um". Iris Rezende disse que aceitava a derrota. "Os senadores acharam que meu adversário era superior e votaram de acordo com suas consciências", afirmou.

Assim que o resultado da eleição foi anunciado, Iris deixou o seu lugar a foi abraçar Antônio Carlos Magalhães. Depois que a sessão acabou, ele foi para casa, com a família.

A NOVA MESA	
CARGO	PARTIDO
Presidente	
Antônio Carlos Magalhães	(PFL-BA)
1º Vice-presidente	
Geraldo Melo	(PSDB-RN)
2º Vice-presidente	
Júnia Marise	(PDT-MG)
1º Secretário	
Ronaldo Cunha Lima	(PMDB-PB)
2º Secretário	
Carlos Patrocínio	(PFL-TO)
3º Secretário	
Flaviano Melo	(PMDB-AC)
4º Secretário	
Lucídio Portella	(PPB-PI)
Suplentes	
Marluce Pinto	(PMDB-RR)
Emília Fernandes	(PTB-RS)
Joel de Hollanda	(PFL-PE)
Lúdio Coelho	(PSDB-MS)

Bloco socialista vai lutar pela limitação das MPs

MEMÉLIA MOREIRA

A primeira reivindicação do Bloco Socialista do Senado ao novo presidente da casa, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) se relaciona ao uso das Medidas Provisórias. Os 11 integrantes deste bloco, do qual participam cinco senadores do PT, três do PDT, dois do PSB e um do PPS querem regulamentar a edição destas medidas que permitem ao Executivo legislar. A reivindicação já havia sido aceita pelo candidato derrotado, Iris Rezende (PMDB-GO) e, agora, os opositoristas devem levá-la a ACM na reabertura dos trabalhos legislativos, depois do Carnaval. "É preciso reduzir o abuso das medidas", disse o senador Eduardo Suplicy (PT-SP).

O presidente eleito do Senado já deu a primeira demonstração do seu tratamento às oposições. Ele "lamentou" o fato de o bloco ter se organizado para votar contra seu adversário. "É uma pena que vocês tenham formado um bloco para votar contra mim", disse Antônio Carlos Magalhães ao senador Eduardo Suplicy.

Embora a opção dos senadores socialistas tenha sido por Iris Rezende, eles esperam um tratamento respeitoso por parte do presidente da casa. "Esperamos uma relação de respeito e cordialidade com o Bloco. E esperamos também que o novo presidente do Congresso mantenha uma posição de independência e autonomia frente ao Executivo", disse Suplicy. Respeito foi tam-

bém a palavra usada pelo senador Roberto Freire (PPS-PE), integrante do bloco. "Esperamos uma relação democrática e de respeito. De nossa parte, assim será", resumiu Freire sem querer entrar em mais detalhes sobre o conhecido comportamento do novo presidente do Congresso Nacional.

Além da regulamentação das Medidas Provisórias, os socialistas querem também um tratamento equânime para todas as bancadas, sem discriminação das minorias. Nesse tratamento está incluída a votação de matérias apresentadas pelos senadores de oposição, que muitas vezes esperam mais de um ano para serem levadas a plenário. Eles reivindicam ainda reunião periódica do colégio de líderes. Esta rei-

vindicação também está sendo feita pelos partidos de esquerda da Câmara dos Deputados, onde os líderes dos pequenos partidos jamais foram consultados pelo presidente que encerra o mandato hoje, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho do senador Antônio Carlos Magalhães.

"Nós tínhamos um compromisso político com Iris Rezende, mas nossas reivindicações são justas, legítimas e o novo presidente deve respeitá-las", disse o senador Ademir Andrade (PSB-PA), um dos criadores do bloco e que também já enfrentou o difícil temperamento de Antônio Carlos Magalhães. Ademir acredita que há condições das propostas oposicionistas serem atendidas.